

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Tiago Esteves da Silva

Escola Técnica Estadual Mandaqui

São Paulo/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora /Instituição: Kelen Gracielle Magri Ferreira/ Etec Mandaqui

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Elaboração do roteiro da pesquisa: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Local da entrevista: São Paulo (online)

Data: 17 de outubro de 2025

Técnico de gravação: Não se aplica

Duração: 42 minutos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Número de páginas: 19

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada para a “História Oral na Educação”, com a entrevistada Tiago Esteves da Silva, por este atuar como professor desde a inauguração da Etec Mandaqui da rede de escolas técnicas do Centro Paula Souza.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 26 de outubro de 2025

Nome da transcritora: Kelen Gracielle Magri Ferreira

Recebido em 16 de dezembro de 2025.

Kelen Gracielle Magri Ferreira (KGMF): Tiago Esteves da Silva. Eu sou a Kelen Gracielle Magri Ferreira e agradeço o senhor por ceder essa entrevista hoje, dia 17/10/25 de maneira *online* para o programa de “História Oral na Educação” do Centro Paula Souza. Eu gostaria de iniciar com o senhor com a seguinte questão, contando um pouquinho, se o senhor puder contar um pouquinho, como começou a sua história na Etec Mandaqui e no curso de Edificações também.

Tiago Esteves da Silva (TES): Bom dia, professora Kelen, tudo bom?

KGMF: Tudo bom?

TES: Bom, na verdade, eu vou até um pouquinho antes: a minha história no Paula Souza, minha história no Paula Souza. Ela iniciou no Carlos de Campos. Eu entrei em 2009, em abril de 2009, eu entrei por processo seletivo na Etec Carlos de Campos e eu dei aula lá nos cursos de Design de interiores, Edificações e Enfermagem. Eu dei aula nesses três cursos durante os anos de 2009 e 2010. Como era processo seletivo, em 2010, no final de 2010, acabou o meu contrato, que eram dois anos e eu ia ter que sair do Paula Souza, mas um pouquinho antes disso, em outubro de 2010, eu fiquei sabendo que ia ter concurso público para a Etec Mandaqui, que ia ser inaugurada em 2011. E daí eu prestei o concurso da Etec Mandaqui na disciplina de Informática Aplicada e eu fui aprovado, eu passei. E daí fui chamado para trabalhar lá na Etec Mandaqui. Então, eu praticamente fundei o curso, fundar não, mas sou um professor que estou lá desde a primeira turma. Desde a primeira turma eu estou lá na Etec Mandaqui.

KGMF: Legal. E foi, foi bem assim. Na primeira turma de Edificações, o senhor já começou ali dando aula de Aplicativos Informatizados.

TES: Isso, na verdade, eu dava aula lá na Etec Mandaqui. Eles tinham os cursos na época Modular Vespertino e o Modular Noturno. Então tinha uma turma da tarde, uma turma da noite. E daí eu dava aula de Informática Aplicada tanto para as turmas da tarde como para as turmas da noite, né? E daí, no decorrer dos anos, dos semestres, daí eu fui ampliando a minha carga horária em outras disciplinas, conforme iam abrindo os modos, as turmas.

KGMF: Nesse início de curso, como que foi e como foram os principais desafios lá, já que era um curso novo e uma escola nova, principalmente, expectativas, os desafios nessa

implantação do curso. Como que começou? O senhor pegou as primeiras... a primeira turma, então, como que era naquele momento?

TES: Olha assim, o lado bom de você estar numa escola nova é o prédio, a estrutura física. Então a gente estava numa escola que quando as aulas começaram, na verdade, o prédio não estava 100% pronto. Então ali toda aquela parte, por exemplo, de estacionamento não tinha ainda é bloco intertravado, estava no, estava na terra ainda. Boa parte das salas ainda não estavam liberadas para o uso. Então, assim, o bom de você pegar uma escola nova é isso. Você pega uma escola novinha, recém entregue. Isso daí é muito, é muito legal. Mas os desafios, eles eram muito grandes, principalmente por conta de infraestrutura de laboratório, por exemplo. Então, por exemplo, eu tinha que dar aula de informática aplicada e não havia sido entregues, por exemplo, ainda as máquinas. Então nós não tínhamos laboratório de informática na escola. E daí, como que eu dava aula de AutoCAD sem ter a máquina. Então eu levava o meu notebook e daí eu reunia alunos assim, de quatro em quatro alunos, ia explicando os comandos com o meu notebook. Daí dava um tempo para eles testarem os comandos, treinar e ia fazendo assim com a turma inteira.

KGMF: Nossa!

TES: Durante pelo menos dois meses, então metade ali do primeiro semestre, praticamente, nós não tínhamos laboratório montado, os equipamentos foram chegar bem depois e daí eu acabava me virando com o meu próprio notebook pessoal. E era assim que eu ia ensinando eles lá no começo.

KGMF: Um desafio, então, bem grande de ter que reformular a aula e repensar como ensinar.

TES: Sim, sim. Mas o lado bom assim é que as primeiras turmas que chegaram na Etec Mandaqui. Elas eram turmas muito boas, sabe? Assim, de alunos assim, muito, muito bons. Então esse interesse dos alunos era até motivante, né? Para a gente repensar a questão de como dar a aula e se adaptar à realidade que nós tínhamos naquele momento.

KGMF: Aí, muito legal. Nossa, uma história e tanto, né? E principalmente na parte de informática ali que é complicado sem a máquina, né? Realmente. Aí aqui a gente falando um pouquinho de transformações, que mudanças mais significativas que você percebeu no curso ao longo desses 15 anos, já estão fazendo aí mais de 15 anos: conteúdo, alunos, metodologias, tecnologias. Houve muita mudança nessa trajetória?

TES: Ah, foram várias, né? A gente sempre entende assim que o nosso, o nosso aluno, ele nunca é o mesmo, né? Em 15 anos, essa, como posso dizer, o perfil do aluno mudou muito em 15 anos, né? Então, as mudanças que a gente pode pensar, mudanças estruturais de cursos. A gente teve, por exemplo, a implantação do ETIM. O ETIM aconteceu lá, acho que em 2013, 2014. Então, por exemplo, nós tínhamos o Modular da tarde que deixou de existir, pelo menos na Etec Mandaqui, e foi implantado o ETIM de Edificações. Isso daí já trouxe uma modificação muito grande, porque é um perfil de aluno totalmente diferente. A gente começou a lidar com o aluno que estava ali fazendo ensino médio junto com o técnico. E isso é uma grande diferença quando a gente compara com o modular da tarde, porque o modular da tarde é aquele aluno que ele faz o ensino médio numa escola ou uma escola da rede, ou de repente uma escola privada. O perfil do nosso aluno do Modular da Etec Mandaqui da Tarde era um perfil de aluno da rede privada, por conta da região em que a escola está inserida. A escola está inserida numa região nobre ali da zona norte. Então, o perfil do nosso aluno eram alunos de classe média para média alta do Modular da Tarde. Então, assim, eram alunos que eles tinham muito conhecimento, sabe? Eles tinham uma base muito boa de ensino, de ensino médio. Então isso daí fazia com que a qualidade do curso fosse muito grande. Depois, com a mudança por ETIM, muda um pouco o perfil, porque a gente deixa de ter aquele aluno que está querendo só o técnico e que muitas vezes está lá interessado no curso de Edificações e a gente passa a receber aquele aluno que está indo lá para fazer o ensino médio e optou pelo curso de Edificações, porque era uma das únicas possibilidades. Então, nem todo aluno do Etim gostava do curso.

KGMF: O que estava fazendo. Então assim, era meio que às vezes até os pais ali, pedindo.

TES: Exatamente. Exatamente. Então já teve essa quebra do aluno do Modular da Tarde, que está ali fazendo o curso de Edificações porque quer de fato estar na área. E o aluno do Etim, se a gente for considerar assim proporcionalmente, metade queria, metade não. Então isso daí já baixa um pouquinho a qualidade do ponto de vista de interesse do aluno dentro da sala de aula. Mas, mesmo assim, as primeiras turmas, elas ainda eram muito boas. Por quê? Porque a demanda do curso do Etim Mandaqui, lá em 2013, 2014 era de aproximadamente 14.

KGMF: Tiago, deu uma falhadinha aqui. Opa, deu uma falhadinha.

TES: Deu uma falhada.

KGMF: Você estava falando que era uma demanda de 14 e 15 alunos por vaga. Era isso. Aí parou aí.

TES: No Etim era muito concorrido. Era uma das escolas mais concorridas no curso de Edificações. E isso daí acabava trazendo também alunos muito bons.

KGMF: Com certeza. Até as aulas tem mais qualidade.

TES: Exatamente. Então nós tínhamos assim um perfil de aluno muito bom. Mas a gente sabe que também por conta do nosso mercado de trabalho, que é um mercado de trabalho, que ele é uma montanha-russa, né? Então nós tivemos aí uma queda na área da construção civil. Isso daí automaticamente acabou baixando a demanda do curso, né? Depois veio a pandemia, que também acabou impactando significativamente na metodologia, no interesse do aluno. E eu tenho a impressão, que pós pandemia, a gente ainda está lidando com os desafios de estar dentro da sala de aula com o aluno, porque o aluno, ele ficou desacostumado a estar dentro da sala de aula, ele ficou desacostumado a assistir aula. Eu acho que a pandemia ela deixou o aluno numa situação muito confortável e eu entendo que a gente ainda não recuperou esse perfil do aluno. Nós estamos ainda, eu estou em sala de aula, trabalhando com modular noturno, e eu vejo que ainda a gente não recuperou o aluno pós pandemia, sabe? Eu acho que ainda vai demorar alguns anos para a gente conseguir uma realidade um pouquinho mais próxima daquilo que a gente tinha anteriormente, em termos de qualidade do aluno, interesse do aluno em estar na sala de aula, sabe? Eu acho que isso daí é um desafio que o professor tem aí pelo menos por mais de uns cinco anos aí pela frente.

KGMF: E o senhor acha que vai que a gente consegue recuperar isso ou é um caminho sem volta? Então, você acha que que a gente consegue recuperar o que a gente tinha antes da pandemia, daquele, aquele ensino presencial, mesmo que que não tinha outra alternativa, a gente não tinha nem vislumbrava essa alternativa de ter aulas online e de repente a gente se viu com essa necessidade. Será que a gente volta com essa, com aquele aluno que sabe que é 100% presencial e dar valor naquele, nessa disciplina presencial, o que você acha?

TES: Então, olha, na verdade, assim, eu penso que igual, igual não vai ser mais.

KGMF: Não, né?

TES: Por que que eu penso isso? Porque a gente viu na ferramenta de trabalho online uma possibilidade também. Então, eu entendo, inclusive, aí a gente vê faculdades, cursos técnicos que são ofertados de maneira *online* e eu penso que algumas disciplinas dentro do curso podem ser ofertadas nessa modalidade. Então, de repente, a gente não vai ter mais aquela situação de ter um curso 100% presencial e o nosso aluno é totalmente dedicado àquilo, mas também não vejo a necessidade de ser dessa maneira. Eu acho que dá para a gente fazer algumas adaptações, que permitam que o aluno tenha também essa flexibilidade de estar, de repente, um dia da semana tendo aula *online*, porque de repente é uma disciplina mais teórica, que não existe a necessidade de estar dentro da sala de aula. Mas eu penso também que isso requer do docente uma capacitação, porque nós que estávamos na pandemia, dando aulas online, a gente sabe o quanto é difícil, o quanto é desafiador, manter o aluno ligado lá na tela durante todo o período de aula. E trazer também, desculpa... E trazer também para o aluno uma vivência online que torne essa aula mais significativa do ponto de vista dele saber o quanto aquilo está agregando na formação dele, né? E fazer com que ele se interesse por aquele conteúdo que está sendo ministrado numa aula online. Então acho que esse daí é um grande desafio do docente que possa vir a ministrar uma aula online. Eu acho que o maior desafio da aula *online* é do professor e não do aluno. É o professor. De como trazê-lo seja atrativo. Exatamente.

KGMF: De como trazê-lo, né? Às vezes até abrir a câmera ali tem aquela dificuldade, só o professor abre. Enfim, é bem isso mesmo. Eu ia até perguntar aqui como foi enfrentar o período de pandemia? A gente já até falou um pouquinho aqui, que impacto que você considera ter sido a importância do curso na formação desses alunos na zona norte, aqui bem regionalmente. Que impacto que você vê aqui que trouxe o curso de Edificações da Mandaqui?

TES: Olha assim, eu penso que a gente tem assim vários, vários casos assim de sucesso de ex-alunos, sabe?

KGMF: Legal.

TES: Porque como eu. Quando eu entrei na Etec, não é? E daí eu tive contato lá desde as primeiras turmas em 2012, eu, no final, na verdade, de 2011, eu assumi a coordenação do curso, né?

KGMF: Que legal, ah. Nossa, de Edificações?

TES: De edificações. Então eu fui coordenador da Etec, Mandaqui no curso de edificações do final de 2011 até julho de 2018. Então eu fiquei 7 anos como coordenador do curso de Edificações Modular Noturno e do Etim Edificações. Então, eu era coordenador dos dois. E pelo fato de ser coordenador, eu tinha muita proximidade com todos os alunos, independente de eu dar ou não aula para a turma. Então, eu acompanho eles até hoje. Então, os alunos, eu tenho eles em redes sociais, WhatsApp. Então, assim, eu tenho muitos casos de alunos que saíram da Etec, buscaram uma graduação na área da construção, seja na engenharia, seja na arquitetura. Tem um caso muito interessante de uma ex-aluna da primeira turma do Modular da Tarde, que ela fez o curso de edificações. Ela saiu do curso de edificações, ela foi fazer arquitetura. Ela é arquiteta, hoje em dia ela tem escritório de arquitetura, ela trabalha com paisagismo. Ela voltou na Etec para dar palestra há algum tempo atrás, como já profissional, num primeiro momento ela voltou como ex-aluna para falar a importância da formação técnica. Depois ela voltou novamente para falar sobre a carreira dela, que ela tinha se formado. E é engraçado que essa aluna, ela tinha três irmãos mais novos e os três irmãos ela trouxe para a Etec, os três fizeram o curso de edificações, os três trabalham na área em empresas distintas, sabe? Então é um caso familiar esse. Ou seja, ela e os três irmãos cursaram lá na Etec Mandaqui, estão na área até hoje, trabalham na área e são diversos outros casos assim, sabe? De a gente acompanhar aluno que está muito bem hoje em dia, profissionalmente falando. Eu trabalho lá no... Hoje em dia eu trabalho na administração central do Paula Souza, no departamento de projetos. Nós temos o caso, por exemplo, de um ex-aluno que que ele virou funcionário do Centro Paula Souza, trabalhou na administração central, na área de infraestrutura, virou diretor de departamento. E isso é tudo a partir da formação dele lá na Etec Mandaqui, sabe? Então assim, a gente tem vários casos assim de sucesso que mostra o quanto o curso ele pode mudar vidas, né? Eu sempre penso que a importância do curso técnico é mudar vidas, né? Porque o perfil do aluno do ensino técnico é esse, ele está indo em busca de uma mudança, né? Ele está indo em busca de melhorar, ele está indo em busca de uma nova formação, muitas vezes mudança de área, novas perspectivas e o intuito da formação técnica é essa, é possibilitar essa mudança. E eu vejo mudança em assim, muitos alunos egressos da Etec Mandaqui, sabe, que chegaram lá com uma perspectiva e hoje a gente vê o quanto esses alunos voaram, sabe, profissionalmente falando. Isso daí é, não tem preço que pague para o professor, né?

Kelen: Claro. É um orgulho, né?

TES: É o professor saber que de alguma maneira, ele exerceu ali uma... como eu posso dizer, uma importância nessa mudança desse aluno.

KGMF: Fez parte dessa mudança. De certa forma, a gente acaba virando parte disso, desse processo deles, de transformação, que é isso mesmo, é uma transformação. E por mais que vai fazer uma graduação, uma engenharia, uma arquitetura, tem o pontapé inicial dado ali na Etec, que é muito significativo para eles. É um exemplo muito legal da menina, com certeza. E mesmo sendo uma Etec jovem, entre aspas, for comparar com a Carlos de Campos, mas já começa a construir uma história aqui também de alunos e de alunos bem-sucedidos, inclusive já no mercado de trabalho.

TES: Exato.

KGMF: Aqui a gente vai falar um pouquinho assim dos momentos da história que o senhor considera que marcaram a Etec, a trajetória do curso ou a Etec também Mandaqui. Se teve algum momento ou alguns momentos nessa trajetória toda e que o senhor já falou um pouquinho dessa mudança, dessa virada de chave do Etim. Mas teve mais algum ponto?

TES: Cortou, viu, Kelen? Cortou, cortou.

KGMF: E se teve algum momento na trajetória da escola que foi marcante na história dela. Assim, além do Etim, dessas viradas que a gente conheceu também.

TES: Cortou. A última fala que eu tive de você foi você falando a questão de ter casos assim bem-sucedidos numa escola tão nova. A partir daí não teve mais nada.

KGMF: Não, mas está me ouvindo?

TES: Agora estou.

KGMF: Ah, está joia. Aqui é mais para saber se se houve, se houveram outros outros marcos históricos na Etec Mandaqui, além do Etim que o senhor já trouxe? Se teve mais alguma, algum fato, alguma coisa relevante ali que vem a sua memória agora?

TES: Olha, em oito anos ali na coordenação e já 16, como como professor, nós tivemos várias coisas importantes acontecendo lá. Então é, a gente tem a questão, é além de tirando essa situação aí da dos casos de sucesso que a gente que a gente acompanha. A gente já trabalhou muitas questões voltadas à questão de cultura, com eventos de sarau, por exemplo. Isso daí é muito enriquecedor para o nosso aluno, porque agrega a questão da família. Nós

tivemos assim, durante alguns anos, aquilo que a gente tinha como sendo a semana de curso. É e que fazia assim com que a comunidade ela entrasse na escola para conhecer de fato o que é uma escola técnica, porque muitas vezes a gente tem lá uma escola técnica inserida dentro do nosso bairro e a gente não conhece, é verdade. Então a gente promovia essas semanas técnicas, mas não tendo como intuito somente a formação do aluno, mas abrir essa escola para a comunidade, para que a escola pudesse ser é conhecida dentro da comunidade, porque tem pode ter certeza de que tem muita gente que mora ali naquela região e que desconhece, sabe que ali é uma escola, mas não sabe que tipo de trabalho é feito, que tipo de curso é oferecido. Tivemos pontos negativos também, dentro dessa trajetória, que foi quando existiu ali a ocupação na escola. Então o Etec Mandaqui foi uma escola que aderiu a ocupação dos alunos naquele momento e infelizmente, foi um momento ruim nessa trajetória. Não foi uma experiência legal para alunos, para professores, para funcionários, enfim, isso daí trouxe desequilíbrio emocional, durante o processo de reocupação, de retomada da escola. Então teve lá um processo meio de racha entre alunos e professores, mas assim a gente entende que faz parte do processo, né?

KGMF: Sim.

TES: E graças a Deus a gente conseguiu depois recompor esses laços, recompor a confiança entre alunos e professores e que tinham até uma divergência do ponto de vista político, partidário e tudo mais que a gente sabe que envolve essas questões são envolvidas por isso. Mas eu acho que dentre tudo isso, o maior impacto que a gente teve foi sempre a questão da pandemia. Eu acho que a pandemia, ela é algo que trouxe um impacto geral. É impacto tanto pedagógico como impacto estrutural de você ter lá uma escola que ficou praticamente 2 anos sem manutenção, sem limpeza, sem... Isso daí traz um certo impacto que a gente muitas vezes não mensura. A gente que é da área da construção civil, entende.

KGMF: Percebe, sim.

TES: Sim, que isso que isso traz. Quem não é muitas vezes não tem essa, não mensura isso. Mas o maior impacto é o pedagógico. A gente que lida com a educação, a gente sempre tem que priorizar o pedagógico. E daí eu penso que as maiores e perdas que a gente teve nesse período são perdas pedagógicas.

KGMF: Com certeza, não é? Com certeza, porque o apartamento do aluno da escola e do presencial realmente foi muito impactante. Acho que por mais que tenham as paralisações aí

nesse meio de caminho, elas passam paralisações transitórias ali, digamos. Mas a pandemia a gente não tinha nem quando a gente poderia voltar. Então realmente foi bem, foi bem complicado pandemia. E aí, falando da sua trajetória um pouco no curso, que que momentos que o senhor acha que marcou a sua trajetória nesse curso como professor, como transformação? O senhor falou também um pouco dessa carreira aí de no cargo de coordenação. Teve algum momento assim que te marcou?

TES: Olha, na verdade para mim tudo foi um desafio, né? Porque quando, como eu disse, eu vim do Carlos de Campos, né? Então a gente está inserido na época, pelo menos o Carlos de Campos era uma escola que ela tinha um know-how muito grande no curso de Design de Interiores, principalmente, era um curso extremamente concorrido, né? Na época que eu era docente. Edificações a concorrência era um pouquinho menor, mas também tinha bastante concorrência na época. Mas eu estava dentro de uma escola onde tinham professores extremamente gabaritados. Foi um momento de aprendizado ali, naqueles quase dois anos que eu estive no Carlos de Campos. E daí, de repente, eu saio de lá e vou para uma escola que está inaugurando com professores novos. Nós, quando até que Mandaqui, ela foi inaugurada em fevereiro de 2011. Praticamente 90% dos professores eram professores recém que tinham passado ali pelo concurso. Posteriormente vieram professores de outras unidades, mas a gente inaugurou o curso com professores recém-contratados, né? Isso não quer dizer que eram professores inexperientes, não, né? Mas eram professores que estavam iniciando a carreira do Centro Paula Souza ali na Etec. Isso foi muito bom, por quê? Porque a gente deu um formato para o curso bem diferente daquele formato que a gente, que eu, por exemplo, via no Carlos de Campos, né? Então isso daí para mim foi um grande desafio, porque a gente moldou o curso dentro da nossa, da nossa realidade. Sim, é. E com o passar dos anos, a gente viu que isso foi sendo aprimorado. Então, quando a gente olha a maneira que o curso era ministrado lá na primeira turma e depois a gente passa lá três, quatro anos e a gente coloca isso num grau de comparação, a gente vê o quanto o curso evoluiu. Por quê? Porque a gente foi aprimorando a maneira de abordar determinados assuntos, metodologias. A gente passou a ter uma escola mais estruturada do ponto de vista de laboratórios. Então tudo isso daí acabou melhorando muito a qualidade do curso que estava sendo ofertado para os alunos, né? Então isso para mim é um desafio do ponto de vista docente, né? Daí se eu pegar, por exemplo, que durante oito anos eu estive na coordenação, eu penso que esse é o maior desafio. Eu sempre falo que todo docente tinha que pelo menos passar um ano pela função de coordenador, porque a gente não tem noção do que é coordenar um curso, né?

KGMF: A responsabilidade, né?

TES: Quando a gente não passou por isso, a gente tende a achar que é simples, né? E não é. Então eu sempre falo que todo professor devia pelo menos passar um ano na coordenação para valorizar o coordenador do curso, né? E para mim foi assim, foram praticamente oito anos muito bons, sabe? Porque eu gostava de desempenhar aquela função. Então eu ajudei muito na questão do laboratório de currículos, com a implantação de novas competências, modificação de plano de curso. Eu participei também ajudando como estruturar os módulos. Então eu fiz parte de um processo lá de laboratório de currículos em 2013, se eu não me engano. Isso daí para mim também foi muito importante, porque eu aprendi a entender o plano como um todo. Como que as pessoas pensam esse plano para a formação do aluno. Não é do nada que isso é pensado. Existe uma pesquisa de mercado, o que o mercado está buscando no profissional da área. Então eu comecei a compreender um pouquinho melhor essas modificações que muitas vezes o professor enxerga. E ele não entende o porquê daquilo, né?

KGMF: De onde que vem, né? Tudo aquilo.

TES: Exatamente. Então foram assim profissionalmente para mim, tudo aquilo que eu desempenhei dentro da Etec como docente, como coordenador, foram vários desafios no decorrer desses anos. E eu posso dizer assim que foram anos gratificantes, sabe? Gratificantes do ponto de vista de docente como de coordenador, justamente por conta disso, porque a gente viu as transformações dos alunos, o quanto a formação técnica agrega na vida desses alunos, o quanto é importante para eles ter essa formação. E nós somos esses agentes transformadores. Então, tudo isso para nós, como profissionais, é muito gratificante.

KGMF: Com certeza não é uma bela história, né? Realmente uma trajetória muito, muito legal. Todas essas transformações aí que o senhor foi promovendo aí no curso. E foi um agente ali transformador também no curso e inclusive para firmar o curso ali na Etec. Aí acho que agora para só para a gente ir dando uma direcionada aqui, pensando em futuro e até nessa nesse trabalho aqui, que mensagem ou conselho você deixaria para os para os próximos anos do curso e até para o Centro Paula Souza, para Etec Mandaqui?

TES: Olha, é que eu posso dizer, né? Nós estamos passando aí por um período bem complicado, né? Do ponto de vista de interesse no ensino técnico, né? Então, o que nós temos visto atualmente, que nós temos vivenciado e que é me entristece muito é a falta de interesse do aluno na formação técnica atualmente. Então, nós temos aí casos de baixa demanda nos cursos, nós temos muitos cursos fechando na área da construção civil, cursos de Edificações.

Graças a Deus, nós não passamos por essa situação na Etec Mandaqui, até o momento, espero não passar, porque isso daí é muito doloroso, ainda mais eu que vi a escola nascendo, vi o curso sendo implantado, então para mim seria um momento assim, muito triste na minha trajetória profissional. Então espero não passar por isso, mas eu entendo que assim o Centro Paula Souza como um todo ele precisa de uma reestruturação, uma reestruturação do ponto de vista, primeiro, valorização profissional. Eu acho que falta valorização profissional. Isso daí faz com que a gente tenha muitas vezes uma desmotivação do professor que, querendo ou não, impacta dentro da sala de aula. A gente sabe disso.

KGMF: Com certeza, sim.

TES: A gente lida com uma situação, por exemplo, muitas vezes, hoje em dia, o que eu mais crítico é a maneira como o Paula Souza divulga o seu vestibulinho, quer dizer, a gente não vê praticamente divulgação de vestibulinho e, conseqüentemente, a gente tem uma baixa demanda. Porque hoje em dia... antigamente, vou dizer lá 2010, 2008, a gente via, por exemplo, cartazes de divulgação do curso de cursos técnicos em ônibus, metrô, né? Hoje em dia a gente não vê isso mais. Não vê mais. Tudo bem que o nosso aluno, ele é um aluno que ele consome mídia social, mas até na mídia social a gente vê pouco, pouca divulgação, né? Essa divulgação muitas vezes acontece muito da própria instituição e dos próprios professores. A gente não vê o Centro Paula Souza divulgando os seus cursos, né? A gente sabe que isso impacta negativamente e a gente tem uma baixa demanda aí. Conseqüentemente, uma baixa demanda, ela acaba acarretando a situação da gente ter um aluno muitas vezes fraco e que, conseqüentemente, faz com que o professor, ele não consiga puxar tanto conteúdo, porque esse aluno tem uma deficiência de base, vamos dizer assim, é uma realidade. Então, eu penso que o Centro Paula Souza deveria se reestruturar do ponto de vista. Primeiro, onde nós vamos buscar esse aluno? O que está acontecendo? Por que esse aluno deixou de se interessar pelo ensino técnico? Será que a gente tem que rever o plano de curso? Será que a gente tem que rever a maneira de ofertar esse curso? Será que a gente tem que capacitar mais os nossos docentes? Será que nós temos que valorizar mais o nosso docente? Eu acho que é uma cadeia, sabe, Kelen? Eu acho que é uma cadeia que você tem que começar a analisar os pontos negativos para você promover melhorias. E eu não vejo isso no Paula Souza, sabe? Infelizmente, eu não vejo no Centro Paula Souza, de repente, um departamento que ele está focado em buscar soluções para essa problemática que a gente está vivendo. Eu não vejo. Pelo contrário, eu vejo muitas vezes ações que desvalorizam o professor, que deixam o professor com receio de ficar desempregado, sabe?

Porque a gente sabe que essa é uma realidade. “Ó, professor, não vai ter turma, você vai para o olho da rua.” É mais ou menos isso.

KGMF: É, meio que isso sim.

TES: Sabe, e não tem aquela situação: “Olha, professor, nós estamos perdendo o curso, vamos trabalhar para uma retomada, né?” Porque, sabe, eu penso assim, eu hoje não faço parte de uma escola que perdeu o curso, mas eu tenho colegas que fazem parte disso. E nenhum deles relatou, por exemplo, uma situação em que o Paula Souza tomou uma iniciativa de tentar entender o que aconteceu para aquele curso ser fechado e propor possibilidades para que isso seja restabelecido. Então, isso é um erro.

KGMF: Eu, por exemplo, vindo da Carlos de Campos, que sofreu a perda do curso de Edificações. E teve muita mobilização do professor mesmo, de tentar manter o curso. Mas realmente, principalmente o senhor falou um ponto muito importante, que é a questão da divulgação. A gente sente muita falta. Eu mesmo tomei conhecimento enquanto aluna por meio de cartazes em ônibus, que eu acho que ainda é um meio ali que todo mundo visualiza. Mas as mídias sociais muito ficaram a cargo dos professores e realmente teve esse problema, mesmo com divulgação de falta de interesse e talvez até do Estado ali. Nessa articulação dos cursos de divulgação, né?

TES: Sim, o mais preocupante é assim: “Beleza, o curso fechou. E o que vai ser feito para retomar esse curso, sabe? Será que existe uma estratégia, um plano, né?” Em algum momento, será que a supervisão, ela sentou com os professores, com o coordenador para tentar entender o que aconteceu? O que pode ser feito para que esse curso seja retomado? Ou simplesmente, olha, vamos fechar o curso porque não teve demanda e pronto, vida que segue. Se é “vida que segue”, nós temos um problema. Por quê? Porque não é só um problema do professor ficar sem aula. Mas nós estamos deixando de ofertar um curso técnico para o aluno e nós não sabemos o porquê que isso aconteceu. Porque se isso aconteceu no Carlos de Campos e muitas vezes, vamos supor que o problema não seja a divulgação, mas vamos supor que o problema está no plano de curso. O plano de curso não atende mais o mercado, ou seja, o nosso aluno que está se formando, ele não está sendo inserido no mercado de trabalho. Isso gera uma desmotivação. Se essa for a causa, então nada foi feito, porque o mesmo plano de curso está aí sendo utilizado ainda.

KGMF: Exato. É uma questão pedagógica daí, né? Outro ponto, sim.

TES: Exatamente. E assim eu conversei com vários colegas porque eu tenho vários colegas que passaram por essa situação e nenhum deles relatou essa situação, não existiu nada relacionado à reunião entre professores, coordenadores e supervisão para tentar entender isso, esses acontecimentos. E o que é mais preocupante são cursos que estão sendo fechados em escolas tradicionais, Carlos de Campos, ETESP, Guaraci Silveira. Então, assim, são escolas tradicionais. E que estão passando por isso. Então, assim, eu acho que é um alerta, um sinal vermelho, que a gente tem que ir em busca de soluções para isso cobrar mesmo. Assim como nós, como profissionais, somos cobrados pela instituição em que nós trabalhamos, eu acho que a gente tem que exercer o nosso papel de profissional e cobrar também a instituição. O que ela está fazendo para que isso não aconteça, não permaneça.

KGMF: Acho que só uma última pergunta, professor Tiago? Aí eu acho que aí até nem estava aqui no currículo, mas uma dúvida que me instigou muito o que o senhor acha que tem de diferencial o na Etec Mandaqui, que justamente está mantendo esse curso? Porque a gente viu, o senhor mesmo falou tantas Etecs tão tradicionais, com anos aí de curso de Edificações, um curso de edificações e uma carreira que que está sendo muito modificada e que de repente precisa ali de um de uma reestruturação. E o que o senhor acha que levou ao curso? Quando eu, quando eu cheguei na escola, eu me surpreendi realmente a quantidade de alunos ainda presentes na Etec. Então, o que o senhor acha que que tem de diferencial na Mandaqui, no curso de Edificações?

TES: Olha o que eu posso dizer, tá? Existe ali um trabalho de formiguinha, tá? Então, eu não nem diria que existe um diferencial pedagógico. Eu acho que às vezes a gente tem até pontos negativos em relação a essas escolas mais antigas, porque, primeiro, a gente não é tão conhecido, né? Quando você fala, Etec Mandaqui, não é uma Etec conhecida, né? É até pelo fato de ser relativamente nova, né? Mas ela não é uma Etec extremamente conhecida, como ETESP, por exemplo, né? Que é extremamente conhecida, Carlos de Campos, né? Enfim. É, mas existe ali um engajamento, né? Então eu posso dizer o que é a gente vai em busca mesmo desse aluno. Então eu posso dizer que hoje a escola ainda permanece com a oferta dos cursos, principalmente modular noturno, porque o MTEC não está passando por essa situação no momento. A gente ainda tem uma demanda legal, mas o modular não. Mas semestralmente a gente tem um engajamento de professores assim que vai em busca do aluno e faz uma busca ativa, sabe? E entra em contato com aquele aluno que fez a inscrição, mas muitas vezes não conseguiu pagar, e daí dá aquela reforçada: "Olha, você vai perder, se você não pagar, você vai perder o vestibulinho." A gente entra em contato com esse aluno

para o aluno não perder o dia de prova. Então, é um trabalho que eu penso que não seria do professor, porque esse não é uma função docente, né?

KGMF: Sim.

TES: Mas é uma coisa que a gente acabou agregando semestralmente dentro da nossa rotina, porque é interesse nosso manter o curso aberto. Sem aluno a gente sabe que não tem curso, não tem aula. Então a gente tem dado essa força, sabe? De divulgação e pós divulgação, acompanhamento mesmo desse aluno que fez uma inscrição para que ele não perca o dia da prova, para que ele compareça, sabe? Isso daí tem dado certo até agora. É porque estruturalmente falando, a gente ainda é um pouquinho criança, né? Então a gente tem um laboratório, se você pegar, por exemplo, laboratórios de construção civil de escolas mais antigas, elas têm um laboratório totalmente equipado, né? A gente não tem isso, né? A gente até hoje tem equipamentos que a gente não tem no laboratório de construção, né? Mas o que que a gente tem também, a gente tem professores que sempre trazem a vivência profissional, aulas de laboratório, mesmo a gente muitas vezes tendo deficiência em alguma coisa, a gente sempre tem aquele professor que ele se engaja para promover aquele aprendizado, mesmo muitas vezes não tendo lá é toda a estrutura de laboratório necessária. Então eu penso que é um trabalho de formiguinha mesmo, como eu falei, sabe? Professores engajados e comprometidos ali com a com a com a formação do aluno e, principalmente, comprometidos com o curso.

KGMF: Que legal! Ah, é bom saber o professor Tiago e assim eu desejo assim para o senhor, enfim, ir para a Etec também, que agora eu estou fazendo parte dela, mas enfim, muito, muito sucesso. Espero também. É uma honra fazer parte dessa Etec que quando eu cheguei assim, me surpreendi muito positivamente e de todos os aspectos estrutural e dos alunos e dos professores também. E parabéns pela trajetória também do senhor na Etec, toda essa história e essa construção firme da Etec do curso na Etec, é realmente desafiador. Imagino que tenha sido desafiador e desafiador manter os alunos e diante de todos esses desafios. E agradeço também a sua entrevista aqui para o centro a gente em breve ali de repente a gente vai conseguir colocar algum centro até de memória na escola também né, por que ela é jovem mas já tem muita história né então eu agradeço a sua a sua entrevista também a sua participação aqui nessa gravação tá?

TES: Bom obrigado para mim foi um prazer e obrigado por ter lembrado de mim né a parte fundamental aí dessa história da até que Mandaqui.

KGMF: Com certeza muito obrigada, viu!

TES: Obrigado, Kelen.

Descritores

História ora na educação
Memórias do trabalho docente
Etec Mandaqui
Etec Carlos de Campos
Técnico de Design de interiores
Técnico de Enfermagem
Técnico em Edificações
Tiago Esteves da Silva
Kellen Gracielle Magri Ferreira
Concurso público
Matemática aplicada
Contrato determinado
Etim
Informática aplicada
Prédio escolar
Etim de Edificações
Notebook
Cursos à distância
Aula online
Pandemia
Coordenador de curso
Práticas escolares
Práticas pedagógicas
Formação do professor
Ensino técnico
Semana de curso
Comunidade na escola
Sarau
Plano de curso
Manutenção predial

Ocupação estudantil
Divulgação de cursos
Cartazes de divulgação
Extinção de cursos técnicos
Técnico em Edificações Modular

Dados Biográficos do Entrevistado



Tiago Esteves da Silva - Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Nove de Julho (2005). Especialista em formação de docentes para o ensino superior e Mestre em Educação. Atualmente atua como Arquiteto no Centro Paula Souza e Ministra aulas na Etec Mandaqui. Possui experiência docente no curso de Arquitetura e, também já foi Coordenador de Curso de Arquitetura e de curso técnico por 13 anos. (Fonte: Currículo lattes em 23/11/2025)

Dados Biográficos da Entrevistadora



Kelen Gracielle Magri Ferreira nasceu em São Paulo-SP, é arquiteta formada pela Universidade Mackenzie, técnica em Edificações pela Escola Técnica Federal de São Paulo e Design de Interiores pela ETEC Carlos de Campos. Atualmente é Mestre pela Unicamp e professora de projetos do curso de Edificações na ETEC Mandaqui. Também trabalha como arquiteta no Itaú-Unibanco.

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Tiago Esteves da Silva

Termo de Autorização para uso de Imagem de Tiago Esteves da Silva